

CAPÃO BONITO, SP, 25 DE JUNHO DE 2001

*Meu caro Governador e amigo Geraldo Alckmin; Ministro Paulo Renato; Senhores Ministros que aqui estão; Secretários de Estado; Senhores Parlamentares; Senador Romeu Tuma; Senhores Deputados; Senhor Presidente da Caixa Econômica Federal, Roberto Tamura; nosso querido Prefeito de Capão Bonito; Prefeitos que aqui estão, entre eles o de Sorocaba; Vereadores; mas, sobretudo, essa boa gente de Capão Bonito, homens, mulheres, crianças, aqueles que vão ser beneficiados por esse programa; meu povo de São Paulo,*

Prefeito, ouvi suas palavras e emocionado fiquei eu. Não posso dizer que tenha dormido, porque já havia dormido. Mas não posso negar que a singeleza e a capacidade de síntese, através da qual o Prefeito Tamura nos mostrou o significado do Bolsa Escola e da revolução que nós estamos fazendo na educação, no Brasil, tocou o coração de todos nós. É importante tocar no coração das pessoas.

Nós vivemos num país que tem dado demonstrações de sobra de que é generoso e que está sempre disposto à solidariedade. Ainda agora, nas dificuldades da crise de energia, a resposta do povo tem sido extraor-

dinária. E assim será também nesse mutirão social que nós estamos fazendo e que tem, como eixo, como base principal a questão da educação.

E se eu hoje estou aqui, em Capão Bonito – e como disse o Tamura, pela quinta vez – não é por acaso. Há um certo simbolismo em lançarmos este programa, Ministro Paulo Renato, meu caro Governador Geraldo, aqui em São Paulo, na nossa terra, e aqui em Capão Bonito.

Primeiro, porque a idéia generosa da cidadania e não de assistencialismo, de assegurar educação e não apenas dinheiro, nasceu aqui. Nasceu em Campinas, com o querido Grama, o Prefeito José Roberto Magalhães Teixeira. E eu fico muito contente em ver a Teresa Cristina aqui presente entre nós. E para recordar como as idéias, quando plantadas no solo fértil, prosperam.

Naquela época, eram poucos milhares de famílias. Depois, houve outras iniciativas em Ribeirão Preto, no Distrito Federal. E a idéia foi tomando força. Em 1997, o Congresso Nacional aprovou uma lei. Uma lei que teve a ação muito presente de Deputados e Senadores do PSDB. O Deputado Nelson Marchezan, o Senador Arruda, o Senador Lúcio Alcântara. Claro que muitos outros colaboraram, o Senador Romeu Tuma sabe como é o Congresso. Nunca é uma só pessoa, nunca é um só partido. É preciso que haja um movimento de opinião. Houve esse movimento de opinião e, em 97, nós começamos esse programa em nível federal.

O Governo Federal tem muitas responsabilidades. E tem que atender a todo o País. Então não é fácil dar partida a um movimento desse tipo. Nós experimentamos e conseguimos. Já no ano passado, cerca de 1 milhão de crianças foram atendidas por esse programa. O Governo Federal, talvez por ter uma raiz paulista muito forte, é discreto, não cacareja. Não canta vitórias antes de tê-las. Não fica anunciando aos quatro ventos que faz isso ou faz aquilo. Vai fazendo. Nós somos mais desse jeito. Somos gente quase tímida. Somos gente de classe média. Somos gente que tem, às vezes, até um certo pudor de dizer: eu fiz. Mas fizemos.

Nessa matéria de educação, o Paulo Renato é símbolo no Brasil. Ele fez o que ninguém fez. Não fez sozinho, fez com sua equipe, de gente jovem – o Floriano Pesaro está aqui, é o chefe do programa. Olhando-se

para ele, quem diria, está correndo o Brasil todo, e é bom locutor também, pelo que eu vi. Está entusiasmando. Não fez sozinho, fez com os Prefeitos. Ninguém pode fazer nada sozinho, nem cabe a nós discutir o tamanho do que se está fazendo, se pertence a esse ou àquele. Nós somos todos servidores do povo. O que interessa é o resultado. Capão Bonito chegou na frente, logo matriculou todo mundo e mostrou que são as mães que necessitam, estava pronto para receber o Bolsa Escola. Por isso, Prefeito, você é parte importante desse projeto. O Bolsa Escola nasceu em Campinas e começou e florescer em nível nacional aqui em Capão Bonito.

A tarefa é imensa. Nós vamos ter que distribuir, este ano se possível, 11 milhões de bolsas para cerca de 6 milhões de famílias. Mas nós vamos seguir um preceito, que aqui foi referido. Desde moço, lutei, nos anos 50. Naquela época, havia uma campanha em defesa da escola pública. E se dizia: o ensino tem que ser gratuito e universal para atingir a todos. Isso está escrito na Constituição, provavelmente desde o Império, só que nunca se cumpriu. Nós estamos cumprindo aqui o que é a base da Constituição de um país: educação para todos. Agora não é palavra, não é retórica. São números que já foram verificados várias vezes. Falta um pouquinho só.

E o Ministro Paulo Renato disse aqui que educação para todos, significa mais educação para os mais pobres. Os ricos já tinham escolas, quem não tinha escola eram os pobres. Essa bolsa é para os pobres, que são os que precisam e vão receber. Vão receber no Brasil inteiro. Não vai faltar gente que não tem noção das dificuldades do País, que não sabe o que o Tamura sabe, porque a mãe dele trabalhou na roça, não pôde continuar, parou de estudar, não vai faltar gente que não conhece as nossas realidades a dizer: “Ah, mas é tão pouco.” É, porque o Brasil ainda tem muita má distribuição de renda e gente que ganha muito pouco, infelizmente. E esse muito pouco, que é mesmo pouco, às vezes muda, aí é aquele a mais necessário, para permitir que a criança fique na escola.

No Rio Grande do Sul, um dos jornais, o *Zero Hora*, reproduziu algo que o Deputado Marchezan mencionou, que era o seguinte: uma família

cuja renda aumentou 50% com o Bolsa Escola, 15 reais *per capita*. Três filhos na escola, 45 reais. A mãe ganhava 90 como arrumadeira. Neste caso são 50%. Na média do Brasil, são 15%. Quinze por cento do aumento da média real de renda das famílias mais pobres. Nós, com esse programa, estamos atingindo 30% das crianças que estão em escola. O Brasil tem cerca de 35 milhões de crianças nas escolas públicas. Esse programa vai atingir 11 milhões desses 35 milhões. Então é um esforço realmente grande. Mas é um esforço à altura do desafio da construção de um país democrático, de um país que tem que se modernizar e que quer deixar de ser um país amarrado pela pobreza e pela ignorância aos grillhões de uma situação social inadequada. Nós já estamos pagando a dívida social.

Eu me recordo do querido Senador Teotônio Vilela que, durante muitos anos, pregou pelo Brasil afora o resgate da dívida social. Pode parecer apenas palavras. Há outros que ainda hoje usam essas palavras com grande irresponsabilidade. Nós não usamos essa palavra. Nós estamos começando a pagar a dívida social. Pagar a dívida social é colocar a criança na escola e dar algum recurso para os pais. Pagar a dívida social é distribuir, como nós distribuimos, mais de 100 milhões de livros nas escolas. O Governo Federal dá os recursos e dá os livros, e o governo estadual distribui.

Começar a pagar a dívida social é transformar a merenda escolar num instrumento efetivo de nutrição. São 35 milhões de refeições todos os dias. Antes havia também, mas se comprava tudo em Brasília. E, aí, sim, havia corrupção. Porque aí a corrupção medrava nas grandes compras de alimentação que, muitas vezes, chegava podre nas escolas. Hoje, é descentralizado, o Prefeito sabe disso. E tem a associação de pais e mestres. Há o controle social na própria comunidade para verificar se está acontecendo ou não está acontecendo. E todos os dias há comida nas escolas. Isso é pagar a dívida social.

Ter responsabilidade social, como eu tenho e sempre tive, ter sensibilidade social, não é fazer discurso, isso é fácil. Ter sensibilidade social é criar condições para que seja possível, como agora, quando começa, mais uma vez, a tragédia da seca no Nordeste, ao invés de nós alimen-

tarmos a indústria da seca, nós usarmos o Projeto Alvorada e o Bolsa Escola, em primeiro lugar, para poder atender às populações carentes do Nordeste de forma permanente, e não só na eventualidade da seca, para explorar politicamente o voto daquele infeliz que está morrendo de fome e de sede.

Sensibilidade social é estar preparado, no próprio organismo do Estado, para atender a essas eventualidades. Não é fazer propaganda na televisão de que tem sensibilidade social. É ter consciência prática na ação. É isso, Prefeito, que nós estamos fazendo aqui.

E Capão Bonito demonstra essa sensibilidade. É por isso que vim como Presidente da República, aqui, e é a primeira vez que venho como Presidente – embora já tenha vindo várias vezes – porque não há nada mais importante para um país do que a educação.

A educação é meio principal para combater a pobreza com dignidade. É a melhor maneira de fazê-lo, e da maneira singela como foi feito aqui. Cada mãe recebe um cartão. Ela não precisa do favor de ninguém. Nem do Vereador, do chefe político, do Prefeito, de Deputado, nem do Presidente da República. Ela vai à Caixa Econômica ou ao posto que a Caixa Econômica vai colocar em todos os municípios do Brasil – são cinco mil e quinhentos e tantos ou mais. Vai a cada um desses postos e ali recebe diretamente o seu recurso. E dia haverá – estamos trabalhando para isso – em que todos os programas do Governo Federal serão sintetizados num só cartão, seja aposentadoria, o SUS, o Bolsa Escola ou que mais benefícios possam haver, de tal maneira que o cidadão, a cidadã não tenha que passar por intermédio de ninguém para receber o que lhe é devido nesse grande pagamento da dívida social brasileira que nós começamos a fazer e que eu espero que o meu sucessor, seja ele quem for – espero que seja ligado a mim – continue, sem demagogia, trabalhando pelo Brasil.

Estamos, portanto, mudando o modo de fazer as coisas. Por isso eu comecei dizendo que eram importantes as palavras do Prefeito, que são palavras de sensibilidade efetiva e não demagógica. Temos que sentir dentro de cada um de nós a nossa responsabilidade com as nossas

crianças. Quando elas não vão à escola e sim para o trabalho penoso, elas estão desperdiçando a sua vida.

E é, sim, verdade, que nós estamos tirando todas as crianças no Brasil, que estão em trabalho penoso, seja na cana, seja na laranja, seja no sal, seja no sisal. Em toda parte há um programa especial chamado Peti – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Os nomes são sempre estranhos. É um programa para tirar todas as crianças do trabalho penoso e, da mesma maneira, dando uma bolsa, porque a criança quando está trabalhando é porque a família precisa que ela trabalhe. Não pode simplesmente botar na escola e não dar o recurso para a família. Nós estamos dando os recursos para essas famílias. E em cada programa, o Governador, às vezes até o Prefeito, muda o seu nome. Não importa. O dinheiro é federal, o programa é brasileiro, tem que viver no coração de cada um e não no cartaz, com o nome de Governo Federal. É no coração de cada um, sabendo que está fazendo uma coisa necessária, solidária, imperiosa para este país realmente ter mais dignidade e ser capaz de avançar, como vai avançar, pelos séculos afora, como uma grande nação.

Não queria estender-me, mas eu quero lhes dizer que realmente o que está acontecendo no Brasil de hoje é uma mudança de cultura, de cabeça, de mentalidade. Isto é mais importante que tudo.

O Governador Geraldo Alckmin, com a sua precisão e generosidade, disse que eu lutei junto com ele e com tantos outros aqui presentes, e outros mais que não estão, pela democracia. É verdade. Fizemos a estabilidade da moeda, é verdade. Não acreditavam. Quando eu era Ministro da Fazenda, todo dia a imprensa me perguntava: Ministro, no fim do ano a quanto vai estar a inflação? Não acreditavam. Fizemos. Retomamos o crescimento, tivemos má sorte, retomaremos. Mas é preciso dizer também que se nós fizemos tudo isso, é porque o povo brasileiro está com outra mentalidade. Não é a ação do Governo, é a ação da sociedade, é outro momento da nossa História, em que o povo sabe e sente o que tem que ser feito e faz, e cobra. E é importante que se cobre. E, também, sabe separar, sabe verificar quando a acusação é demagógica ou quando ela é verdadeira. Quando a obra é verbal, é no papel ou

quando é verdadeira. Quando o programa corresponde a um sentimento efetivo ou quando é simplesmente um partido político que está querendo se ajeitar para passar como se fosse uma coisa, sendo outra.

O povo percebe essas coisas. O povo hoje está sintonizado com o mundo. É por isso que o povo, hoje, não aceita mais a indignidade que se queria imposta, de não poder, muitas vezes, ter a criança numa escola. É essa ponte que nós estamos fazendo aqui e que vai, certamente, permitir a continuidade desse processo de transformação, que é extremamente significativo, para que nós possamos, realmente, continuar no caminho da construção de uma nação livre e mais igualitária.

Esse é o sentido, Ministro Paulo Renato, do nosso Programa Bolsa Escola. Ele é democracia, ele é cidadania, ele é dignidade. E para ser tudo isso, tem que ser comida também, tem que ser recurso que permita à criança e aos pais terem uma vida um pouquinho melhor que seja.

Termino dizendo que houve outra razão pela qual eu vim a Capão Bonito. Quisemos que fosse em Capão Bonito. O Prefeito Tamura disse que eu vim aqui com – e ele tem boa memória – Luciano Martins. Luciano hoje é meu Embaixador em Cuba. Vim também com outra pessoa, Alain Touraine. É um grande sociólogo francês, professor na Sorbonne. Os dois vieram a Capão Bonito comigo, que eu queria que eles vissem, naquela época, o que era a realidade política no Brasil.

Muitas vezes, as pessoas se perdem – não é o caso dos dois –, mas se perdem no seu próprio gabinete. Lêem muito livro, escrevem muito, mas não vêem o que está acontecendo. Eu os trouxe aqui, a Capão Bonito, para que eles vissem. E vissem o quê? Uma comunidade, no estado mais rico da Federação, que naquela época ainda era bastante pobre, e que se organizava e lutava. Eu vim a Capão Bonito, para ver, também, que Capão Bonito avançou. Mas para mostrar ao Brasil que, mesmo em São Paulo, é preciso o Bolsa Escola, porque tem gente pobre aqui nesse município. E essa gente precisa que nós tenhamos os braços abertos para suas necessidades. A riqueza se concentra. A pobreza se espalha neste nosso país, mesmo em São Paulo. É por isso que eu vim a Capão Bonito, mas eu quero voltar. Já não como Presidente, mas para sentir os efeitos de tudo isso, e para ver algum outro Prefeito, ou o

mesmo algum outro Governador, ou o mesmo, dizendo: “É, nós acabamos realmente, completamente, em Capão Bonito, com crianças fora da escola.” É, Capão Bonito, hoje, pertence mesmo a um estado rico, e não sendo milionária, é uma cidade digna e decente, gostosa de ser vivida. Eu voltarei.

Muito obrigado.